

# INTRODUÇÃO

## POR EDUARDO BAGGIO

A Hatari! Revista de Cinema chega a sua 4ª edição com o olhar voltado para o Cinema Brasileiro dos anos 80. Diante da revolução glorificada dos anos 60 e da marginalidade enaltecida dos anos 70, a cinematografia brasileira da década da redemocratização e do encerramento do ciclo da Embrafilme (1969-1990) sempre foi tratada como menor.

Porém, quando nos atemos a filmes desse período encontramos grandes potencialidades artísticas e políticas, como nos filmes de Suzana Amaral, Adélia Sampaio, Tizuka Yamasaki, Norma Bengell e Lúcia Murat. Cinco mulheres diretoras com seus cinco filmes de desbravamento, abordados por uma mulher de 19 anos, Hanna Esperança, que não passou pela ditadura, que não teve que lutar para votar, que pode, em teoria, vestir a roupa que quiser, mas que não aceita um meio artístico tão machista.

Os arredores da Rua do Triunpho marcaram o cinema brasileiro dos anos 70 e 80, com a conhecida e não demarcada Boca do Lixo. Pedro Favaro nos apresenta o cineasta que, provavelmente, mais represente o espírito da Boca, Ozualdo Candeias. Já Tiago Lipka trata de um filme específico, Filme Demência (1986), do também oriundo da Boca, Carlos Reichenbach, que fez sua subversão ao clássico de Goethe com uma brasilidade oitentista fascinante. Reichenbach ainda foi objeto das considerações de Jucas Jeison, que destacou Império do Desejo (1980).

A partir de questões políticas e econômicas do Brasil dos anos 80, Lucas Taras dialoga com dois dos mais destacados filmes de Arnaldo Jabor, “Eu Te Amo (1981) e “Eu Sei Que Vou Te Amar (1986), como possibilidades entre o coletivo e o individual. Partindo do mesmo contexto político-econômico e procurando ampliar as relações que dele surgem em Ópera do Malandro (Ruy Guerra, 1985), Renan Turci nos oferece uma análise muito particular deste filme e do processo de adaptação que o originou.

A “Trilogia Paulista da Noite” ou os filmes do “Neon-realismo” são objeto dos textos de Felipe Rocha, Marcela Patrício de Almeida e Gabriela Quadros. O primeiro destaca o simbolismo de Cidade Oculta (Chico Botelho, 1986) e nos lembra que o filme é, em grande medida, herdeiro da Boca do Lixo e assim aponta para relações importantes no Cinema Brasileiro dos anos 80. Outro tipo de relação é levantada por Marcela de Almeida ao tratar de A Dama do Cine Shanghai (Guilherme de Almeida Prado, 1987) e suas ligações com o próprio cinema e, em especial, como referência explícita ao A Dama de Shanghai (Orson Welles, 1948). Por fim, Gabriela Quadros discute a realidade e a mentira em Anjos da Noite (Wilson Barros, 1987) e mostra que trata-se de um filme potente e politicamente provocador, apesar do que diziam seus detratores.